

JORGE SILVA, LDA.

De sol a sol.

Jorge viaja no tempo aos seus nove anos de idade, quando o avô o ia buscar à escola para torcer Filigrana. Na passagem desta memória, uma pausa para um sorriso. A nostalgia toma-lhe o pulso. E suspira. Aos doze já trabalhava a tempo inteiro com o pai: “Era do nascer ao pôr-do-sol. Todos os dias.”

Aos vinte e dois fundou a sua própria oficina. Haveria de honrar o legado familiar, viajando toda a vida pela perícia da Filigrana. Enamorou-se de Isabel, com quem trocou juras de amor eterno, e trouxe-a para aprender a sua arte. Ela, que nem em sonhos imaginava vir a dedicar-se à Filigrana, tem hoje a magia nas mãos. Ao pegar em microscópicos fios de ouro, Isabel transforma-os em cornucópias e encaixa-os uns nos outros com uma leveza estonteante, fazendo parecer fácil o que na verdade não é. Já não sabe – nem quer! – fazer outra coisa. Tomou-lhe o gosto. E a paixão.

É na Rua das Filigranas, onde têm a oficina, que se assiste a uma melodia silenciosa. Lá fora só os pássaros se ouvem. Na oficina, nem o rádio ligado distrai Jorge, Isabel e os 5 ourives artesãos que ali trabalham, todos jovens. O rádio é uma mera companhia que ali está como artesão do entretenimento. A Filigrana é um trabalho de concentração e paciência e cada um está profundamente absorvido pela joia em que trabalha, num processo delicado e moroso. “Têm a liberdade de criar.” Jorge orgulha-se de dar espaço aos seus artesãos para que tragam ideias e modelos novos.

Conheceu de perto o risco de não inovar. A moda de outras andanças fê-lo vacilar, em 2004. “Deixou de haver procura pela Filigrana.” Os arquétipos sociais conduziram as joias para um design menos estruturado, minimalista, despido de detalhes e de história. Efêmera por natureza, a moda exprimia a soberania das aparências. Mas na era do vazio, a efemeridade foi terreno fértil para fazer vingar a tradição. Era preciso ler a oportunidade nas entrelinhas e entre o efêmero e o permanente, na oficina de Jorge e Isabel a Filigrana reergueu-se a quatro mãos.

Desse tempo atribulado retiraram a percepção de que não podiam ficar ancorados no passado e que, mantendo-se fiéis às raízes invioláveis da tradição, podiam criar algo novo. Orgulham-se do coração de Filigrana que encheram com a técnica de rodilhões. Um efeito rico, mas complexo e de difícil execução, que consome horas infindáveis a Isabel e às enchedeiras que trabalham a partir de casa. Mas foi exatamente essa complexidade que os diferenciou. Do coração para uma coleção inteira, foi um raio de sol. Um pendente em forma de medalha, brincos, anel e pulseira: nenhuma das peças tem esqueleto interior, que lhes daria estrutura, e todas elas são cheias com rodilhões entalados entre si, o que confere às joias uma beleza única, firmeza e estabilidade.

Hoje o trabalho já não se faz de sol a sol, felizmente. Quando o sol marcava a jornada do trabalho não havia tempo para apreciar outras coisas belas da vida, como o canto dos pássaros da Rua das Filigranas, um sorriso cúmplice, um silêncio ou um rodilhão irmanado.

Textos de Sónia Felgueiras

Encante-se com a história
do Jorge e da Isabel em vídeo

